
VIOLÊNCIA ESCOLAR: FATORES OCACIONADORES E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO TRABALHO DOCENTE

SCHOOL VIOLENCE: OCCASIONAL FACTORS AND THEIR CONSEQUENCES IN TEACHING WORK

Narda Teles Yamane¹

RESUMO: O presente artigo visa discutir as diversas formas de agressões que atinge o professor na sala de aula e tem como objetivo analisar os impactos causados na educação, pela violência que o docente tem sofrido. Para isso, utilizou-se a metodologia baseada na revisão bibliográfica e levantamento de dados secundários de autores que comungam com a ideia de que o diálogo é a melhor opção para a construção de um espaço democrático, como deve ser o ambiente escolar, colaborando para que a violência não se dissipe. Os resultados sinalizam que o professor, por estar de forma constante frente as divergências que ocorrem dentro da escola, tem desenvolvido de forma gradual, síndromes e doenças ocasionadas por todos os tipos de agressões a que tem se submetido, levando-o ao afastamento de sua função ou quando a desistência definitiva do exercício de sua profissão.

Palavras-chave: Escola, Diálogo, Professor, Violência.

ABSTRACT: This article aims to discuss the various forms of aggression that affects the teacher in the classroom and aims to analyze the impacts caused on education, due to the violence that the teacher has suffered. For this, we used the methodology based on bibliographic review and survey of secondary data by authors who share the idea that dialogue is the best option for the construction of a democratic space, as the school environment should be, collaborating so that violence does not dissipate. The results indicate that the teacher, being constantly facing the divergences that occur within the school, has gradually developed syndromes and diseases caused by all types of aggressions to which he has been subjected, leading him to withdraw from his function or when the definitive abandonment of the exercise of his profession.

Keywords: School, Dialogue, Teacher, Violence.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, o sistema de educação tem vivenciado, no ambiente escolar, todos os tipos de agressões (físicas, verbais e psicológicas), que tem afligido grande parte dos professores e a sociedade. Esse fato pode ser constatado não somente na escola pública, mas também no sistema de educação privado. Nas falas de Abramovay e Rua (2002), caracterizam que a violência escolar “[...] representam um estado e não uma característica de uma ou outra escola ou de um sistema escolar [...]” (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p. 321). A violência

¹ Universidad Autónoma de Asunción. narda.telles@gmail.com

escolar influencia diretamente, e de forma negativa, o bom andamento do trabalho pedagógico, levando o professor a desmotivar-se no exercício de sua profissão e conseqüentemente, oferecer uma educação sem qualidade. “A escola é uma instituição essencial na estrutura de qualquer sociedade. Ela é uma comunidade que tem como missão auxiliar na formação de seus indivíduos” (LOPES e PONTES, 2009, p.276). .

Esse entendimento é revelado por Machado, Boechat e Santos (2015), ao pontuarem que nas últimas décadas se tem observado um crescente número de professores que vem abandonando sua profissão. É um cenário preocupante, pois, em muitos casos, o abandono se dá pela própria relação de conflitos estabelecida no âmbito escolar, que tem contribuído para o adoecimento do professor. A esse respeito Santos, *et al* (2014), acrescentam que na agressão vocal: “[...] encontram-se presentes as ações como colocar apelidos, insultar, provocar, ridicularizar, ameaçar, responder com maus modos e fazer comentários racistas e/ou religiosos [...]” (SANTOS, *et al*, 2014, p. 175). Colaborando com os autores, D’Agostini (2019), acrescenta que: “A violência contra professores, [...] parece normalizada pela falta de debate ou de propostas práticas para lidar com o problema” (D’AGOSTINI, 2019, p. 01). Aqui o autor se refere a falta de políticas públicas, que em outras palavras, se dá na falta de uma intervenção social onde ocorre esse fenômeno, com determinações administrativas, visando atender necessidades e interesses coletivos ou individuais, através de programas e ações voltadas à educação. Nas palavras de Rua (1998), políticas públicas são:

“[...] conjunto de decisões e ações destinadas à resolução de problemas políticos. [...], envolvem a atividade política, compreendida como um conjunto de procedimentos formais e informais que expressam relações de poder e se destinam à resolução pacífica de conflitos relacionados com bens públicos” (RUA, 1998, p. 731).

A violência contra os professores ainda tem sido um fardo que toda sociedade tem carregado, sendo possível se observar, quando verificamos o aumento expressivo no número de professores e estudantes que tem se queixado da relação tumultuosa que há entre ambos, durante o trabalho pedagógico, situação essa que ocorre em todos os níveis de ensino; do fundamental à Universidade. São xingamentos, ameaças, constrangimentos, humilhações, chantagem de todos os tipos, que tem contribuído fortemente para que a escola passe a ser vista, por muitos, como um lugar hostil, e até ser considerado um espaço de “terror”. Além desses tipos de violências, também se observa brigas ocasionais entre alunos, que ocorre com frequência no pátio da escola e na sala de aula, colaborando para o desentendimento,

quando o professor tenta acalmar a situação, tendo em vista que boa parte dos alunos costumam “tomar partido”, privilegiando o discurso de seus colegas.

Ainda se acrescenta que dentro da escola tem sido visto episódios como: racismo, piadas e *bullying* que machucam e mexem com a autoestima da pessoa vitimada. Tudo isso contribui para que o ambiente escolar se transforme num campo de guerra, favorecendo a um lugar em que o bom diálogo não seja o cerne do processo educativo.

É oportuno ressaltar que o indivíduo que nasce e cresce dentro de um ambiente familiar em que a violência é comum acontecer, certamente, tenderá a reproduzi-la dentro da escola, na sua comunidade, entre colegas, vizinhos e com o próprio professor. Uma família desestruturada, não desperta no(a) filho(a) sentimentos positivos (respeito, amizade, tolerância, gratidão), e, portanto, não conseguirá desenvolver uma boa comunicação entre si, e tudo isso respinga dentro da escola. No entanto, a família tem um papel relevante na construção de valores e costumes, tornando-se responsável na formação e na personalidade do sujeito. Se a família é desajustada, de forma muito evidente, o estudante cedo ou tarde, apresentará comportamentos desajustáveis, que implicará em sérios problemas comportamentais, em qualquer segmento por onde ele transitar. Dessa forma, como o aluno passa parte de sua vida na escola, é lá onde esses comportamentos se afloram, constituindo em sérias dificuldades de relacionamentos. Soares e Machado (2014), explicam que a “violência constitui hoje uma das grandes preocupações da sociedade. No âmbito da escola, estampam-se cada vez mais nos jornais notícias sobre casos de agressões sofridas por professores e alunos” (SOARES e MACHADO, 2014, p. 334). Tudo isso, desperta no professor o sentimento de medo e insegurança, enfraquecendo as relações de sociabilidade. São preocupações, que atendem não somente ao sistema escolar, mais a sociedade como um todo.

Para Organização Mundial da Saúde (OMS):

“Violência é o uso intencional de força ou de poder físico, na forma real ou de ameaça, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem grandes chances de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, subdesenvolvimento ou privação” (BRASIL, 2009, p. 7).

Para Soares (2013): “Toda forma de agressão física ou moral, provocada por alunos, pais de alunos e a própria instituição, no ambiente escolar, vem causando danos à integridade física e moral dos professores. Essa agressão é deflagrada a partir de situações do próprio ambiente escolar [...]” (SOARES, 2013, p. 32). É uma situação, que a escola não tem

conseguido resolver e nem visualizar políticas eficazes, capazes de enxergar tal situação e minimizá-la. É importante frisar que em grande parte, as agressões também envolvem, não somente a forma como a família se relaciona com os filhos, muitas vezes, também está ligada à falta de um diálogo harmonioso entre professor e aluno, criando-se dessa forma um clima bastante turbulento e de acusações, em que o respeito, a consideração e o cumprimento de regras se tornam invisíveis. Procurando maior compreensão em Alves (2007), o autor explica que, “além das violências existentes no entorno e contra o patrimônio escolar, há também a violência contra as pessoas, produzidas pela própria dinâmica das relações entre: alunos; professores e alunos; alunos e direção e, algumas vezes, até mesmo entre direção e professores” (ALVES, 2007, p. 120). Contudo, a escola precisa ser reconhecida por todos como um espaço social que promove a comunicação aberta, a segurança de todos que adentram no seu ambiente. Agindo assim, o relacionamento se estabelece de forma prazerosa e todos saem ganhando.

Diante do exposto, a justificativa pelo tema do artigo surgiu através de relatos de colegas de profissão e ao mesmo tempo de estudantes, que de forma muito costumeira, abismavam-se com a falta de mecanismos que pudessem acabar com a violência dentro das escolas que frequentavam. Daí o desejo, de buscar compreender o que a sociedade, enquanto escola, tem feito para diminuir a violência dentro do seu espaço. A justificativa está fundamentada em Lakatos e Marconi (2003), que comungam com a ideia de que ela é uma, “exposição sucinta, porém, completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa” (LAKATOS e MARCONI (2003, p. 2.019). É a justificativa que vai explicar o motivo da escolha da temática, dito de outra forma, é o que inquietou o pesquisador, que o levou a estudar determinado fenômeno. Para tanto, teve-se como objetivo geral para esse estudo, analisar os impactos causados na educação, pela violência que o docente tem sofrido. A relevância deste estudo contribui para o âmbito social, na perspectiva de transformar a escola em um espaço verdadeiramente democrático, em que o professor seja respeitado, pautado em um diálogo harmonioso, em que a participação efetiva de toda a comunidade escolar e da sociedade, seja o centro de um fazer pedagógico visando uma educação de qualidade.

2. METODOLOGIA

O alcance da finalidade estabelecido nesse artigo, está intrinsicamente ligado com a problemática e os objetivos propostos. Sabe-se que a elaboração de trabalhos científicos precisa ser detalhada à sua cientificidade, e ocorre a partir do conceito de metodologia, a fim de entender o que o torna científico, já que este é um processo, e não acontece de forma aleatória, mas por meio de características que a defendem como tal. Dentro desse contexto, a metodologia é assim compreendida, como o campo que estuda os melhores métodos para se praticar nas áreas de pesquisa e produção de conhecimento. Silva (2018) traz sua importância social ao citar que: “A metodologia adotada em uma pesquisa está, geralmente, permeada pela tradição empírica daquele determinado campo científico e, ao mesmo tempo, vinculada aos seus aspectos epistemológicos e ontológicos” (SILVA, 2018, p. 10). Versa-se, pois, de uma explicação detalhada e rigorosa de todas as etapas utilizadas no desenvolvimento da pesquisa; visto que; a metodologia é um conjunto de regras e procedimentos que se estabelece para realizar uma investigação. Para a efetivação dessa pesquisa, se faz necessário a indicação do método que se utilizou. O método segundo Gil (2014), é “um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento” (GIL, 2014, p. 49). Nessa ótica, o método científico é a maneira desenvolvida pela sociedade para entender e validar um saber empírico, pelo qual qualquer pesquisador ao refazer a investigação nas mesmas condições, possa adquirir um resultado semelhante. Diante do que foi apresentado, fica explícito que método e metodologia estão intimamente interligados, e que se entende que o método está ligado a caminho, modos de proceder para atingir determinado objetivo, enquanto a metodologia representa uma ciência.

Conceituando-se o método e metodologia, o pesquisador passa a planejar como será a metodologia aplicada para o método. Nesse contexto, a metodologia utilizada nesse artigo, consiste em uma revisão bibliográfica, que de acordo com Zanella (2013), permite ao pesquisador à: “[...] pesquisar o acervo de bibliotecas: livros, periódicos especializados [revistas científicas], trabalhos acadêmicos [monografias, dissertações e teses] e anais de eventos científicos” (ZANELLA, 2013, p. 49). A pesquisa bibliográfica tem a pretensão de simplificar uma sistematização sensata de pensamentos e ideias de teóricos que tratam da temática em foco. Gil (2010), explica, que a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador buscar um maior número de fontes impressas ou eletrônicas, as informações que necessitar para desenvolver sua pesquisa. Daí sua importância nesse tipo de estudo, pois é ela que irá

sustentar toda a base conceitual, explicando o fenômeno encontrado. É de suma importância o pesquisador separar obras, ler e interpretar os mais variados tipos de fontes e pontos de vista de autores com a finalidade de buscar ampliar o conhecimento, justificando sua importância.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecer a dinâmica do desgaste gerado na situação de trabalho docente nas escolas, motivado pela elevada violência sofrida pelo professor, poderá viabilizar algumas medidas de prevenção necessárias e adequadas, de acordo com cada realidade escolar. Isso porque, mesmo que a sociedade globalizada não perceba, mudanças acontecem de forma sistemática dentro do espaço escolar, provocando nos professores, desgastes emocional e psíquico muito forte.

Sem dúvida, as tecnologias da comunicação e informação (TIC), perfil da sociedade atual, tem desencadeado resultados trágicos na vida da maioria dos alunos que se espelham em modelos sociais que não trazem nenhum acréscimo a sua vida, pelo contrário, moldam seus comportamentos tornando-os em alguns casos agressivos. Conforme alude, Cubas (2007): “O que antigamente era visto como o trampolim para uma vida melhor, aumentado as oportunidades de trabalho e de qualidade de vida, perdeu-se no tempo e, hoje, os jovens vivem a desesperança em relação ao futuro e nesse contexto é que emerge a violência na escola” (CUBAS, 2007, p. 26). O momento atual em que se está vivenciando, a violência escolar, tem interferido de forma impresumível na qualidade da educação e na vida dos professores. Para Schroeder e Alves (2015), “os conflitos que surgem na escola e nas salas de aula da Educação Básica podem se constituir em momentos de diálogo, negociações e acordos necessários à convivência cotidiana” (SCHROEDER e ALVES, 2015, p. 61). Nesse contexto, o diálogo é o alicerce para que os comportamentos pró-sociais, se manifestem, é a base da boa relação interpessoal, pois, só se compreende o outro, quando se estabelece com esse outro um diálogo acolhedor. A respeito do diálogo, Freire (2001), advoga que: “a relação dialógica rompe as práticas educacionais e culturais domesticadoras, substituindo-as por um trabalho cultural humanizado” (FREIRE, 2001, p. 135). Sendo assim, a ação pedagógica não pode ser desenvolvida por meio da subordinação, mas através de um diálogo aberto, livre e inclusivo. Por meio de debates, é que se pode chegar a ter um compromisso com as regras do bom convívio, valorizando-se, não somente os professores, mas também os alunos enquanto cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres, numa sociedade capitalista e

globalizada, como a que se vive. Nesse sentido, o professor precisa desenvolver entre os estudantes a empatia, ou seja, possibilitar que eles entrem em sintonia com os sentimentos de seus colegas, levando-os a serem mais compreensíveis, promovendo dessa maneira o desenvolvimento do respeito pelas diferenças e a cultura da paz, trabalhando-se dessa forma: “com relações entre pares, em círculo, olho no olho, partilhando e contrapondo entendimentos, compreensões diferentes numa construção coletiva de soluções [...], todos aprendem e ensinam (BRASIL, 2006, p. 39).

Reforçando a importância do diálogo, e recorrendo novamente a Freire (1983), nos diz que: “Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana [...]” (FREIRE, 1983, p. 43). O diálogo promove a empatia que colabora para a prevenção do *bullying*, que também é um tipo de violência presenciada dentro das instituições de ensino, principalmente em relação ao professor. Pois, observam-se que muitos alunos colocam apelidos tais como: gordo, falador, exibido, mau cheiroso, preguiçoso, dorminhoco, e outros mais, que afetam o professor drasticamente, provocando no mesmo, pouca produtividade.

Diante do que foi dito, fica claro que o professor precisa trabalhar a empatia para promoção de um ambiente em que a discórdia e o pessimismo não se propagem.

Frente a um ambiente recheado de agressões, também é importante o envolvimento de todos os segmentos que compõem a escola (professores, pais, alunos e demais funcionários), para a implementação de projetos que visem o estabelecimento de normas, diretrizes e ações que sejam coerentes e que contribuam para um ambiente escolar sadio. É importante mencionar que classes empáticas, são coesas e geralmente não apresentam problemas de indisciplina; facilitando o trabalho pedagógico; aumentando a própria capacidade do professor de entender melhor seus alunos. Quando isso não acontece, os professores se afastam do seu campo de trabalho para realizarem tratamentos médicos, ocasionados por ambientes doentes promovidos em grande parcela por fatores que podem ser corrigidos.

É comum observar-se que muitos professores desenvolvem sérios problemas de saúde mental, entre eles está a depressão, o *estresse*, a síndrome de *Burnout*, entre outros distúrbios que tem provocado a sua saída do sistema de ensino. É um grave problema que ainda não se

tem encontrado soluções. Costa (2013) vem colaborar ao acrescentar que, a “agressão contra o docente resulta em comprometimento da sua saúde emocional”, deixando cicatrizes profundas não somente física, mas, também psicológica e emocional que podem ser carregadas para toda a sua vida (COSTA, 2013, p. 94). É fácil perceber os sintomas prejudiciais de saúde que o professor tem desenvolvido nos últimos anos, entre eles estão: tristeza, apatia, isolamento, cansaço, impaciência, fadiga, dificuldades de concentração, desmotivação e até problemas relacionados as relações interpessoais com colegas de trabalho; ocasionando muitas vezes em diagnóstico médico que aponta como causa a realização do trabalho docente; afastando-o de imediato de sua função escolar. Frente a esse contexto, fica claro que perde o aluno, perde a escola e a sociedade como um todo.

A docência por si só é uma atividade profissional bastante complexa, pois trata de ações que envolvem saber lidar com saberes diferenciados, alunos com peculiaridades e histórias de vidas diversas, além de outros implicadores como: falta do acompanhamento familiar, indisciplina e uso de drogas pelos estudantes e falta de políticas públicas que possam contribuir para diminuir os problemas que a maioria das escolas apresentam. Tudo isso ocasiona um panorama assustador, passando a ser um desafio ensinar para todos e ainda mais, atuar dentro de uma política educacional descomprometida, na qual os baixos salários; assim como, a precariedade na formação inicial e a ausência de formação continuada contribuem. Sobre a profissão docente, Sousa (2016), explica que: “à docência, por sua característica, é uma atividade que pode causar condições não favoráveis à saúde e ao desempenho na vida profissional e pessoal do profissional” (SOUSA, 2016, p. 21). O professor é a peça chave na mediação do processo ensino e aprendizagem, é ele que lida cotidianamente como os diversos problemas que ocorrem na sala de aula. Ainda segundo Sousa (2016): “Existem outros fatores que também dificultam o trabalho docente, como a particularidade de cada profissional e as múltiplas personalidades que caracterizam a clientela, no caso, os alunos” (SOUSA, 2016, p. 26). Por isso, as licenciaturas não vêm sendo atrativas, pois é possível perceber o esvaziamento na procura por cursos superiores voltados a Licenciatura, fruto da percepção que se tem sobre o alto índice de violência sofrida pelo professor na escola, e das condições de trabalho que tem feito com que o ato de lecionar se torne uma profissão quase em extinção. Isso acontece porque os estudantes (futuros professores), já concebem que não podem fazer muita coisa para mudar a realidade em que

se encontra o sistema escolar, pois, “os professores evidenciaram impotência mediante os casos enfrentados nas escolas, especialmente perante os episódios em que eles estão no papel de vítima” (SOARES, 2013, p. 21). Tudo isso é consequência de uma sociedade despreparada e um sistema de educação doente, que não consegue dá conta do universo de problemas que assolam o espaço escolar para abraçar a educação como ela realmente merece.

O estabelecimento desta situação no ambiente escolar parece se tornar a situação impulsora dos motivos de desistência ou permanência à carreira docente. Numa perspectiva de transformar o ambiente da sala de aula em um espaço de amizade, de compreensão e de liberdade, parece-nos que esse anseio está longe de ser concretizado, e se dá, como já mencionado anteriormente pela escassez de políticas públicas e pela crescente desestruturação familiar; levando os estudantes a desenvolverem comportamentos e conduta atípicas antes não manifestados. Esses reflexos impactam na sala de aula implicando ao professor o desenvolvimento de outros papéis como: psicólogo, de pai/mãe, médico, terapeuta, advogado, assistente social, juiz, empregados, entre outros, agravando ainda mais o bem estar e saúde fragilizada do professor.

No discurso de Freitas e Castro (2015): “As mudanças no papel do professor na sociedade se refletem na prática de ensino e na saúde deste, resultando em absenteísmo e solicitação de licença médica para tratamento de saúde, além da forma despersonalizada com que os professores começam a tratar os alunos” (FREITAS e CASTRO, 2015, p. 15884). Dessa forma, torna-se evidente, que a violência escolar, tem suas causas e consequências bastante graves para a saúde do professor e na oferta de um bom aprendizado, sendo, portanto, de forma urgente, criar-se medidas com a finalidade de combater tal problema.

Uma das medidas para minimizar a violência contra o professor deve começar pela própria valorização dos profissionais da educação, ao qual atualmente sua importância é pouco reconhecida pela sociedade. Como também, por ações efetivas para equipar melhor as escolas, e ao mesmo tempo, construir de forma coletiva, uma proposta curricular que responda aos anseios dos alunos, tornando a escola um local agradável no qual todos queiram estar.

Nesse sentido, é necessário acrescentar que o sistema de educação tem um papel fundamental, para que se capte o ser humano, na pessoa do professor, em toda a sua totalidade, reconhecendo as condições nas quais se encontra dentro do contexto escolar. Tudo

isso, a partir do olhar que se tem para o professor “dentro do fazer” em sala de aula, reconhecendo-o como um ser frágil às adversidades que na escola se apresentam.

Dessa maneira, para a retração desse cenário, se faz necessário orientar e dialogar com a família, a escola e os próprios alunos; para a construção de relações de empatia. Somente por meio da revisão de regras e debatendo-se ideias, poder-se-á fazer do âmbito escolar um verdadeiro aprendizado para a vida em sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, de um modo geral, podemos concluir que o sistema de educação vem passando por uma avalanche de problemas, que se entrelaçam entre outros, como a violência sofrida pelo professor. As agressões que esse profissional tem passado o adoecem e prejudicam a sua saúde. Acreditamos que a sociedade tem mostrado pouca eficácia ou quase nenhuma, no combate a essa questão, pois, no dia a dia é possível constatar que a violência escolar tem crescido de forma assustadora.

Combater esses problemas, que tem feito o professor refém dos estudantes, é desejo de todo o professor. Essa discussão deve ser levada para dentro dos diversos centros de debates sociais, dialogando-se, buscando-se escutar experiências que deram certo, suas políticas e ações no sentido de se criar estratégias que acabem de vez com a violência escolar. Tais estratégias devem ocorrer por meio da reflexão crítica sobre a dialogicidade estabelecida dentro da escola; e como se dá, a relação estabelecida entre professor x aluno. Refletindo sobre os ocasionadores que causam as agressões e como se tem dado a comunicação entre todos dentro da instituição escolar.

O diálogo é o fator principal que se deve focar, tanto o professor quanto a escola. Quando o professor estabelece um bom diálogo com seus alunos, ensina-o também a construir relacionamentos. Nesse sentido, compreendemos que a escola é um local favorável para o combate de qualquer tipo de violência, é o meio de instruir, de preparar o aluno para a vida em sociedade, oferecendo-lhe suporte para a integração do indivíduo, família e o meio social.

Por fim, cremos que grande parte dos estudantes compreendem que o professor é um agente humanizador quando ele utiliza o diálogo como recurso didático no processo ensino-aprendizagem, e por isso mesmo, é de suma importância que esse profissional da educação resgate os aspectos pedagógicos da dialogicidade no cotidiano escolar, para poder

escutar e envolver-se no dia a dia escolar, afim de melhorar as divergências que existem na sala de aula.

Ainda apontamos que se deve criar ações efetivas para o enfrentamento e prevenção da violência exigindo parcerias entre as famílias, as escolas, e o poder público. As ações conjuntas a que nos referimos devem levar em consideração todos os envolvidos no processo (vítimas e agressores) com a mesma responsabilidade e seriedade para ajudá-los a superar o problema de modo saudável e ao mesmo tempo construtivo. Todavia, para que isso ocorra, se faz necessário que a escola reflita e resista à violência em seu espaço, para mostrar que por natureza ela é o lugar de transformação de comportamentos inadequados e portanto, precisará de ações em conjunto pelo zelo de uma convivência equilibrada, dentro dos preceitos da paz.

Dentro dessa perspectiva, pode-se prospectar um cenário melhor e mais produtivo em que professor e aluno busquem de forma coletiva conviverem em um mesmo espaço, no qual os objetivos sejam iguais, que é um aprendizado satisfatório, baseado no diálogo, respeitando-se os diversos pontos de vista de cada um.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime, 2002.

ALVES, R.; As escolas em bairros com altas taxas de violência: a visão dos professores. In RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na Escola** (Um guia para pais e professores). São Paulo: ANDHEP (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo), 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Caderno 6. **Programa nacional de fortalecimento dos conselhos escolares**: conselho escolar como espaço de formação humana: círculo de cultura e qualidade da educação. Brasília, 2006.

_____. **1ª Conferência Nacional de Segurança Pública**. Brasília: Ministério da Justiça, 27 a 30 de agosto de 2009.

COSTA, C. R. C. A hora da Violência contra o Docente nas Escolas particulares de Minas Gerais: uma abordagem espacial exploratória. In: **X ENANPEGE - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia**, Campinas, 2013.

CUBAS, Viviane. **Violência nas escolas**: como defini-la? In RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na Escola** (Um guia para pais e professores). São Paulo: ANDHEP (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo), 2007.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 4. ed. São Paulo: Moraes, 1983. 102 p.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

D'AGOSTINI, A.; CAROLINA C.; **Brasil lidera índice de violência contra professores. O que podemos fazer?** 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17609/brasil-Lidera-indice-de-violencia-contraprofessores-oque-podemos-fazer>. Acesso em 06 de julho de 2020.

FREITAS, C. A. de; CASTRO, R. de.; **Saúde do Professor: um olhar para o Brasil e para os servidores da rede municipal de ensino de Uberaba-MG -20 15.** Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19700_8444.pdf. Acesso em: 12 de julho de 2020.

GIL, A.C.; **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo. Ed. Atlas SA, 11ª ed. São Paulo: Atlas. 2014.

LAKATOS. E. M.; MARCONI, M de A.; **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5ª ed. São Paulo. Atlas, 2003.

LOPES, Andressa Pereira; PONTES, Édél Alexandre Silva. Síndrome de Burnout: un estudio comparativo entre profesores de las redes pública estatal y particular. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 2, p. 275-281, 2009.

MACHADO, V.R.; BOECHAT, I.T.; SANTOS, M.F.R.; Síndrome de Burnout: uma reflexão sobre a saúde mental do educador. **Revista Transformar**, n. 7, p. 257-272, 2015.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. –** Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RUA, M. das G.; As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: RUA M. G.; **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas.** 2v. Brasília: CNPD, pp. 731-752, 1998.

SANTOS, J. A. dos; *et al.* Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. **Revista de Salud Pública**, v. 16, n. 2, 2014, p. 173-183. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42232582002>>. Acesso em: 05 de julho, 2020.

SCHROEDER, T. M. R.; ALVES, F. L. **Conflitos e violência na Educação Básica.** In: Desenvolvimento da Educação Básica: desafios contemporâneos. Curitiba-PR, Editora CRV, 2015, p. 61-69.

SILVA, G.P. da. **Desenho de pesquisa.** Brasília: Enap. 119 p.: il., 2018.

SOARES, M. B; MACHADO, L. B. Violência contra o professor nas representações sociais de docentes. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 32, n. 1, 333-354, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v32n1p333>. Acesso em: 08 julho de 2020.

SOARES, M. B. **Representações sociais de violência contra professores na escola**. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco: UFPE, 2013.

SOUSA, S. F. de 2016. **O Bem-estar docente e a prática da atividade física**: um estudo com professores de uma escola municipal de Campo Grande – MS. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/18621-suziane-freitas-de-ousa.pdf>. Acesso em: 04 de julho de 2020.

ZANELLA, L. C. H. (2013). **Metodologia de Pesquisa**. Liane Carly Hermes Zanella. – 2. ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC. 134 p.: il.